Novidades sobre a história da psicanálise no Brasil

Hannes Stubbe

Uma pergunta curiosa desencadeada pela surpresa aristotélica (*Θαυμάζειν*) é: como foi possível que a psicanálise de Sigmund Freud (como a Imperatriz Leopoldina) tenha vindo da Áustria nevada para o Brasil tropical, e o que aconteceu com ela?

Em 1914, a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) já era conhecida mundialmente, como, por exemplo, em países não europeus como Argentina (J. Ingenieros, J.A. Agrelo), Chile (G. Greve), Cuba (Salvador y Massip), Rússia (Osipov, Ermakov), os EUA (Brill), Brasil (Moreira, Austregésilo), e continuou a se expandir em um “pequeno império mundial da psicanálise” (cf. Stubbe, 2021, p. 358ss.). No entanto, é surpreendente que uma dissertação médica de Genserico Aragão de Souza Pinto (1889-1958), intitulada “Da psicoanalise (a sexualidade nas nevroses)”, a primeira dissertação psicanalítica no mundo de língua portuguesa, tenha sido publicada no Brasil já em 1914, no início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) (cf. Stubbe, 2011; Füchtner, 2025, p. 29-33). Isso foi possível porque os orientadores de doutorado de Pinto, o psiquiatra Juliano Moreira (1872-1933) (Füchtner, 2025, p. 21-29) e o neurologista Antônio Rodrigues Lima Austregésilo (1876-1961) (Füchtner, 2025, p. 33-35) estavam interessados em psicanálise.

Hoje, pouquíssimas pessoas no mundo têm condições de escrever uma história bem fundamentada da psicanálise no Brasil. Aqui, devemos mencionar Hans Füchtner em primeiro lugar. O Prof. Dr. phil. Hans Füchtner é professor emérito de sociologia com foco em psicologia social na Universidade de Kassel. Ele morou e trabalhou no Rio de Janeiro por vários anos e também lecionou na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Somente nos anos entre 1899 (*A Interpretação dos Sonhos*) e 1939 (morte de Freud), há mais de 100 referências escritas a Sigmund Freud no Brasil (Füchtner, 2025, p. 11, 21-79; Stubbe, 1997). Naturalmente, foram sobretudo os médicos (psiquiatras, neurologistas) que se interessaram, no início, pela psicanálise. A recepção da psicanálise no Brasil segue um padrão que podemos observar em muitos países não europeus: Se olharmos para a história da psicanálise em vários países do chamado Terceiro Mundo no século 20 a partir de uma perspectiva histórico-científica e comparativa, por exemplo, Brasil, Índia, México, Portugal ou Turquia, podemos identificar, grosso modo, o seguinte padrão de desenvolvimento: a origem é

um processo de modernização da psiquiatria, no qual psiquiatras mais jovens (geralmente da classe média alta “europeizada” e instruída), em busca de novos métodos, descobrem a psicanálise. Tem início agora um processo de recepção, e são realizadas as primeiras traduções (às vezes também dissertações, como, por exemplo, no Brasil, em 1914). Às vezes, também se inicia a correspondência direta com Sigmund Freud. A fase de institucionalização propriamente dita e a profissionalização clínico-psicanalítica começam depois que os praticantes locais se formam no exterior ou os exilados europeus realizam análises no País e criam instituições de formação e instalações clínico-psicanalíticas (cf. Stubbe, 2021, p. 470). Na história da recepção da psicanálise no Rio de Janeiro, a capital do Brasil na época, Füchtner descreve um grande número de biografias de médicos importantes que se interessaram pela psicanálise ou que publicaram sobre ela (Füchtner, 2025: 21-79), como Juliano Moreira (1872-1933), o já citado Genserico Pinto (1889-1958), Antônio Rodrigues Lima Austregésilo (1876-1961), Júlio Pires Porto-Carero (1887-1937), Deodato de Moraes (1895-?), José Carneiro Ayrosa (188?-1969), Murillo de Souza Campos (1887-1968), Henrique de Brito de Belford Roxo (1877-1969), Inaldo de Lyra Neves-Manta (1903-2000) (que conheci pessoalmente), Maurício Campos de Medeiros (1885-1966), José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), Aduino Botelho (1895-1963), Leme Lopes (1904-1990) (que conheci pessoalmente), Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) e Gastão Pereira da Silva (1897-1987). Em São Paulo, a recepção da psicanálise tomou um rumo diferente daquela do Rio de Janeiro, onde a maioria dos psiquiatras pertencia à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal ou à Liga Brasileira de Higiene Mental e se interessava pela psicanálise ou publicava sobre ela, enquanto em São Paulo a medicina ainda se encontrava em sua infância institucional (universidade fundada em 1934, USP) e a psicanálise era rejeitada e, às vezes, até mesmo hostilizada. Na turbulenta década de 1920, ocorreu em São Paulo a Semana de Arte Moderna (1922), uma importante cesura cultural no Brasil, também chamada de “modernismo brasileiro” (Füchtner, 2025, p. 81ss; Stubbe, 2018, p. 82ss.). Artistas abertos à psicanálise, como Mário de Andrade ou Oswald de Andrade, a interpretaram de forma não convencional e pouco ortodoxa e a viram “sobretudo como uma teoria que lhes permitia justificar teoricamente seu subjetivismo vanguardista” (Füchtner, 2025, p. 84). Na psiquiatria paulista, o primeiro a divulgar os ensinamentos de Freud foi Franco da Rocha (1864-1933), diretor e fundador do Hospício de Juquery (fundado em 1898), em sua obra *O pan-sexualismo na doutrina de Freud* (1920), ainda que parcialmente incompreendida. Outros psiquiatras, como Durval Marcondes (1899-1981), em uma posição central, trabalharam e publicaram de forma psicanalítica (p. 88-95). Em 24 de novembro de 1927, foi fundada a primeira “Sociedade Brasileira de

Psychanalyse” (com uma filial no Rio de Janeiro), que também foi a primeira sociedade psicanalítica da América Latina (Füchtner, 2025, p. 90). Em junho de 1928, ela também publicou a *Revista Brasileira de Psychanalyse*, que foi enviada a Freud (Füchtner, 2025, p. 91). Marcondes também foi agraciado com a cátedra de psicanálise da Escola Livre de Sociologia e Política (SP), em 1939. Ele era “um freudiano ortodoxo” em seu trabalho científico e é considerado o verdadeiro fundador da primeira sociedade de IPA, a SBPSP, no Brasil (Füchtner, 2025, p. 95). Um ponto de virada decisivo na história da psicanálise começou com a chegada da exilada judia-alemã Adelheid Koch (1896-1980) como professora analista no Brasil em 15 de novembro de 1936. Se antes eram os leitores e autodidatas que estudavam psicanálise no Brasil, agora Adelheid Koch começou a formar médicos brasileiros com análises didáticas. Durante essa fase de institucionalização, o Instituto de Psicanálise de Berlim (fundado em 1920) foi usado como modelo. Agora, a verdadeira “era de ouro da psicanálise no Brasil” teve início com a fundação da Sociedade Psicanalítica de São Paulo (SBPSP). Mais tarde, Koch foi seguido pelo analista de formação Theon Spanudis (1915-1986), de modo que, em 1951, eles puderam se tornar membros do IPV. Os escritos artístico-psicanalíticos de Osório Thaumaturgo César (1895-1979), inspirados por Hans Prinzhorn (1886-1934), também são importantes (Füchtner, 2025, p. 95-112). Os desenvolvimentos e as instituições psicanalíticas (Círculos Brasileiros de Psicanálise, Sedes Sapientiae) em Porto Alegre (Füchtner, 2025, p. 141-146), Belo Horizonte (Füchtner, 2025, p. 141-146) e em São Paulo (por exemplo, Paulo Lentino, Darcy de Mendonça Uchôa, Anibal Silveira), que também emergem dos dois centros de difusão do Rio de Janeiro (por exemplo, Werner Kemper; cf. Füchtner, 2025, p. 116ss., 262ss.), Mark Burke (Füchtner, 2025, p. 117ss.) e de São Paulo (por exemplo, Paulo Lentino, Darcy de Mendonça Uchôa, Anibal Silveira), ou de Belo Horizonte (por exemplo, Karl Weissmann) (Füchtner, 2025: 151-158) e outras regiões, levaram a muitas fragmentações, conflitos e rivalidades entre os grupos, e ainda havia considerável hostilidade em relação à psicanálise (Füchtner, 2025, p. 141-158). Hans Füchtner dedica, com razão, atenção especial à situação dos psicanalistas (por exemplo, Hélio Pellegrino, Füchtner, 2025, p. 220-223, p. 246ss.) e suas instituições durante os 21 anos da ditadura militar no Brasil (1964-1985) e, acima de tudo, ao “caso” de Amílcar Lobo em 1980, sobre o qual ele escreveu várias vezes (Füchtner, 2025, p. 171ss., 227-270, 271-279). A ditadura militar foi ativamente apoiada pela RFA, e as empresas (grandes) da Alemanha Ocidental no Brasil denunciaram trabalhadores politicamente impopulares (vide, por exemplo, Stefanie Dodt, Tagesschau, 14 de novembro de 2017, 6h; WIKIPEKDIA: VW do Brasil). Esse é um capítulo emocionante, muito bem pesquisado e lúcido dos “psicotrópicos tristes”! Em outros contextos sociais e políticos, como, por exemplo, nos EUA ou na antiga colônia

portuguesa de Moçambique, os psicanalistas também colaboraram e usaram indevidamente as descobertas da psicanálise para fins colonialistas ou de serviço militar secreto (cf. Stubbe, 2008; Müller, 2017).

A partir da década de 1970, época do “psychoboom” ou do “boom da psicanálise” (Füchtner, 2025, p. 171-181) no Brasil, a psicanálise foi usada de várias maneiras, como, por exemplo, nas ciências sociais, no sistema judiciário, na publicidade, na mídia (Füchtner, 2025, p. 199-202), na educação, na literatura e na arte, etc. e na “psicologização das relações sociais e íntimas” (Füchtner, 2025, p. 193). A psicanálise começa a permear todas as áreas da vida brasileira, e desenvolveu-se uma “cultura da psicanálise” separada (Füchtner, 2025, p. 203-206). A partir de 1976, alguns psicanalistas argentinos (por exemplo, Gregorio Barenblitt) também fugiram para o Brasil e enriqueceram a psicanálise, sobretudo teórica e politicamente. Foi introduzida uma variedade de novas formas de psicoterapia, como, por exemplo, o psicodrama de Moreno, os grupos de encontro de Roger, as terapias corporais, etc. (Füchtner, 2025, p. 174; cf. Stubbe, 1980, p. 79-93), e foram criadas novas instituições psicanalíticas (às vezes de breve existência). Esse período também viu a reforma do programa de graduação em psicologia (Füchtner, 2025, p. 174ss.). A partir de 1969, o lacanismo francês também se tornou conhecido no Brasil e muitas sociedades lacanianas foram formadas (Füchtner, 2025, p. 183-192). Com o influxo de seitas evangélicas no Brasil (aprox. 1/3 da população), a psicanálise se torna uma questão de fé e surgem instituições de formação protestantes (Füchtner, 2025, p. 193-198). Um bom capítulo de conclusão do livro é “Freud e seus correspondentes brasileiros” (1924-1938): “Além de algumas saudações de cartões postais, Freud enviou uma dúzia de cartas ao Brasil, geralmente em alemão, por vezes também em inglês.” ... “Freud nunca recebeu más notícias do Brasil” (Füchtner, 2025, p. 291, 294).

Como a psicanálise se preocupa sobretudo com a biografia e vivência das pessoas em todas as suas formas, uma “história da psicanálise no Brasil” é muito importante. No entanto, “não existe uma psicanálise brasileira independente, mas existem variantes de psicanálise caracterizadas pela mentalidade brasileira de múltiplas camadas”, afirma Hans Füchtner (2025, p. 17). No trabalho de Füchtner sobre a história da ciência, aprendemos muito sobre a história cultural, social, econômica e política do Brasil, bem como sobre o pensamento brasileiro (por exemplo, Füchtner, 2025, p. 15s., 84).

Esse livro animado, fácil de ler e altamente recomendado, com uma bibliografia abrangente, é, hoje em dia, a melhor e mais precisa história da psicanálise no Brasil no mundo inteiro e deveria ser traduzido.

Bibliografia

CREMERIUS, Johannes. **Die Rezeption der Psychoanalyse in der Soziologie, Psychologie und Theologie im deutschsprachigen Raum bis 1940**. Frankfurt: Suhrkamp, 1981.

FÜCHTNER, Hans. **Geschichte der Psychoanalyse in Brasilien**. Gießen: Psychosozial, 2025.

MÜLLER, Knuth. **Im Auftrag der Firma. Geschichte und Folgen einer unerwarteten Liaison zwischen Psychoanalyse und militärisch-geheimdienstlichen Netzwerken der USA seit 1940**. Gießen: Psychosozial, 2017.

NÖLLEKE, Brigitte. **Psychoanalytikerinnen**. Biografisches Lexikon. o.O. 2025.
<https://www.psychanalytikerinnen.de/>

REICHMAYR, Johannes et al. (Hrsg.). **Psychoanalyse und Ethnologie. Biographisches Lexikon der psychoanalytischen Ethnologie, Ethnopsychanalyse, und interkulturellen psychoanalytischen Therapie**. Gießen: Psychosozial, 2003.

SANTOS-STUBBE, Chirly dos et al. (Hrsg.). **Psychoanalyse in Brasilien. Historische und aktuelle Erkundungen**. Gießen: Psychosozial, 2015.

STUBBE, A. Noëmi. **Kleine Kunstgeschichte Brasiliens**. Aachen: Shaker, 2018.

STUBBE, Hannes. **Psychotherapie in Brasilien. Zeitschrift für Psychosomatische Medizin und Psychoanalyse**, 26, 1980, p. 79-93.

STUBBE, Hannes. **Sigmund Freud in den Tropen (I). Zur Frühgeschichte der Psychoanalyse in Brasilien. Kölner Beiträge zur Ethnopsychologie und Transkulturellen Psychologie**, Jg. 3, n. 3, 1997.

STUBBE, Hannes. **Sigmund Freuds „Totem und Tabu“ in Mosambik**. Göttingen: V&Runipress, 2008.

STUBBE, Hannes. **Sigmund Freud in den Tropen (II). Die erste psychoanalytische Dissertation in der portugiesischsprachigen Welt (Rio 1914)**. Aachen: Shaker, 2011.

STUBBE, Hannes. **Weltgeschichte der Psychologie. Eine Einführung**. Lengerich: Pabst, 2021.

Autor:

Prof. Dr. Hannes Stubbe

Universidade de Colônia

Herbert Lewinstr. 2

D-50931 Colônia / Köln

Alemanha

hstubbe@uni-koeln.de